



## **A RELAÇÃO DE ALUNAS E ALUNOS COM A MATEMÁTICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O QUE ELES DIZEM E O QUE AS NOTAS INDICAM**

Lindamir Salete Casagrande<sup>1</sup>  
Marília Gomes de Carvalho<sup>2</sup>

### *Introdução*

A participação feminina nas carreiras científicas e tecnológicas vem crescendo nas últimas décadas. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP mostram que as mulheres são a maioria em todos os níveis de ensino incluindo o universitário. Porém em alguns cursos as mulheres continuam sendo a minoria. Pesquisadores/as têm desenvolvido estudos buscando entender as razões pelas quais esta situação permanece. Contudo algumas lacunas persistem e necessitam de pesquisas com o intuito de minimizá-las. Embora muito tenha sido feito nos últimos anos, há um grande caminho a ser percorrido para que se compreenda melhor as causas que geram a menor participação feminina em determinadas áreas do conhecimento.

Velho e Leon (1998) argumentam que meninas e meninos têm desempenho semelhante nos primeiros anos da vida escolar inclusive em Matemática. Entretanto, em torno da 7ª série as meninas passam a demonstrar menos interesse pelos conteúdos desta disciplina. Segundo as autoras, diversos fatores podem influenciar nesta mudança de comportamento das estudantes, dentre eles o menor estímulo oferecido por pais/mães e professores/as. Por outro lado, Walkerdine (1995, p. 214) questiona a falta de reconhecimento do brilhantismo das meninas por parte dos/as professores/as. Quando algumas meninas se saíam bem em Matemática, elas “eram acusadas de ir bem porque trabalhavam muito, seguiam regras, comportavam-se bem”. Enquanto para os meninos que não obtinham bons resultados, encontrava-se explicações na falta de paciência para se dedicar às atividades escolares.

Carvalho (2001), em pesquisa realizada com professores/as de séries iniciais, encontrou descrições diferenciadas para o comportamento de meninas e meninos. As meninas eram descritas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia – GeTec. E-mail: lindasc@utfpr.edu.br.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do PPGTE/UTFPR e coordenadora e pesquisadora do GeTec. E-mail: mariliagdecarvalho@gmail.com.



como mais organizadas, tranqüilas, assíduas, seguidoras de regras, com cadernos enfeitados, inclusive as que apresentavam um mau desempenho escolar. Os meninos eram descritos como agitados, espontâneos, transgressores de regras, com cadernos desorganizados, dentre outras características. Citou-se estas autoras com o intuito de mostrar que há expectativas diferenciadas com relação ao comportamento e ao desempenho das meninas e meninos por parte dos/as professores/as. Mas, na visão dos próprios jovens, existe esta diferenciação? Como eles se vêem diante da Matemática? Este estudo pode contribuir para a busca de respostas a essas perguntas.

Com o intuito de contribuir para esta discussão, no ano de 2008, iniciou-se uma pesquisa com estudantes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental de um Colégio Estadual localizado no centro de Curitiba objetivando observar as relações de gênero na sala de aula de Matemática e desta forma compreender melhor este universo. Os resultados dessa pesquisa serão apresentados em uma tese de doutorado que será defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Para melhor fundamentar a pesquisa acima referida, desenvolveu-se o estudo cujos resultados serão apresentados neste artigo<sup>3</sup>. Para a coleta de dados aplicou-se um questionário aos/às estudantes de uma turma de cada série dos dois últimos ciclos do ensino fundamental. Estas turmas são as mesmas que foram observadas na pesquisa de campo para a tese de doutorado. O questionário apresentava 6 (seis) questões fechadas com três opções de resposta. Utilizando-se da metodologia de pesquisa quantitativa pode-se obter um panorama do posicionamento dos/as discentes em relação à Matemática, porém não permite identificar as causas que contribuem para a construção destes números.

Série	Alunos	Alunas	Total
5ª	16	13	29
6ª	14	19	33
7ª	14	21	35
8ª	12	17	29
total	56	70	126

Quadro 1 – Número de discentes que responderam ao questionário por série e por gênero  
Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

<sup>3</sup>Resultados parciais desta pesquisa foram publicados no artigo “A relação de meninas e meninos com a matemática: o que elas e eles nos dizem?” apresentado no III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade- 2009 e no artigo “Quem apresenta melhor rendimento escolar, meninas ou meninos?” apresentado no VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero - 2010.



Responderam ao questionário 126 estudantes, sendo 29 da 5ª série, 33 da 6ª série, 35 da 7ª série e 29 da 8ª série. Do total de questionários, 70 foram respondidos por alunas e 56 por alunos<sup>4</sup>. Estes números mostram que nas turmas pesquisadas a maioria dos/as discentes são meninas. A única turma onde a maioria são meninos é a 5ª série. Nas demais a predominância é de meninas. Este número não representa a totalidade de discentes matriculados nas turmas, pois como foi aplicado em um dia de aula alguns/mas estudantes não estavam presentes.

Posteriormente analisou-se os diários de classe das mesmas turmas com o intuito de verificar o rendimento dos/as estudantes que responderam ao questionário. O número de discentes concluintes constantes dos diários de classe estão expressos no Quadro 2.

Série	Alunos	Alunas	Total
5ª	16	13	29
6ª	15	14	29
7ª	14	18	32
8ª	16	17	33
total	61	62	123

Quadro 2 – Número de discentes concluintes por série e por gênero  
Fonte: Diários de classe

O número de alunos e alunas concluintes foi muito próximo, porém eles estavam mais concentrados nas séries iniciais e elas nas séries finais. A maior diferença a favor das alunas ocorre na 7ª série e a favor dos alunos ocorre na 5ª série. Não foi possível identificar a razão desta diferença pois esta foi uma pesquisa quantitativa e este não era o objetivo da pesquisa, porém pesquisa realizada por Carvalho (2003) indica que os meninos abandonam a escola mais precocemente para ingressar no mercado de trabalho. Esta pode ser uma das causas para que o número de alunos na 7ª e 8ª séries seja inferior ao número de alunas.

O questionário foi aplicado no meio do ano e a análise dos diários foi realizada ao final do ano. Esta diferença de tempo foi ocasionada pelo fato de que era necessário que as aulas estivessem em andamento para a aplicação dos questionários e que o ano fosse concluído para analisar as médias finais dos/as estudantes.

Com relação aos/às docentes de Matemática, o Colégio tem 2 professoras e 2 professores que atuavam no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries. Elas atuavam nas 5ªs e 6ªs séries e eles nas 7ªs e 8ªs séries. O fato de eles estarem nas séries finais e elas nas iniciais chamou a atenção desde o princípio. Com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a distribuição foi casual. Os dois professores estavam substituindo duas professoras que estavam de licença.

<sup>4</sup> Neste artigo usar-se-á os termos estudantes e discentes para referir-se à totalidade dos/as pesquisados/as e os termos alunos e alunas para referir-se aos/às pesquisados/as de cada gênero.



A seguir passar-se-á à análise dos dados obtidos por meio dos instrumentos acima mencionados.

### *A relação dos alunos com a Matemática*

A primeira pergunta do questionário foi: Você gosta de Matemática? O questionário apresentava três opções de resposta: sim, não e um pouco. A alternativa que recebeu o maior número de respostas foi “sim”, porém não foi a maioria absoluta, pois a soma das outras duas respostas superou este número. Pode-se perceber pelo Quadro 3 que a porcentagem de alunos (62%) que gostam de Matemática é quase do dobro da porcentagem de alunas (37%) que fizeram a mesma afirmação. Em nenhuma série o número de alunas que disseram que gostam de Matemática superou ao de alunos. A 5ª série foi a turma que teve a maior porcentagem de respostas positivas. Dentre os/as pesquisados/as, 53% das alunas e 87% dos alunos afirmaram gostar de Matemática nesta série. Porém, considerando-se as porcentagens, a maior diferença entre alunos e alunas ocorreu na 8ª série, na qual 29% das alunas afirmaram gostar de Matemática e o dobro, 58% dos alunos fizeram a mesma afirmação. Percebe-se também que o número de meninas que não gostam de Matemática é superior ao de meninos. A 6ª série foi a turma na qual encontrou-se a maior porcentagem de alunos que responderam não gostar de Matemática e a 8ª série a maior porcentagem de alunas com a mesma resposta. Com base nestes números pode-se concluir que, dentre os/as estudantes pesquisados/as, os alunos constituem a maioria dos que afirmaram gostar de Matemática, porém como o universo é pequeno não se pode generalizar para todos os estudantes desta faixa escolar.

Série	Sim						Não						Um pouco					
	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
5ª	7	53	14	87	21	72	1	8	1	6	2	7	5	38	1	6	6	21
6ª	3	15	3	21	6	18	5	26	4	29	9	27	11	58	7	50	18	55
7ª	11	52	11	78	22	63	3	14	0	0	3	8	7	33	3	21	10	29
8ª	5	29	7	58	12	41	5	29	0	0	5	17	7	41	5	42	12	41
total	26	37	35	62	61	48	14	20	5	9	19	15	30	43	16	29	46	37

Quadro 3 – Discentes que gostam de Matemática por série e por gênero

Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

Legenda: nº – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

Convém salientar que este resultado contraria a ideia corrente de que os/as estudantes, alunos e alunas, não gostam de Matemática. O que leva a esta conclusão é o fato de que a porcentagem de estudantes que afirmam gostar de Matemática (48%) é mais do que o triplo da porcentagem dos estudantes que dizem não gostar desta disciplina (15%).



Na segunda pergunta procurou-se saber se os/as discentes acham que Matemática é uma disciplina fácil. As opções de respostas eram as mesmas da pergunta anterior. O Quadro 3 apresenta os números referentes a esta pergunta. A maioria dos alunos (57%) respondeu que Matemática é um pouco fácil, ou seja, eles apresentam dificuldade de aprendizagem nesta disciplina, mas não acham difícil. A porcentagem de estudantes que consideram Matemática fácil (14%) é menor do que um terço dos/as estudantes que afirmaram gostar de Matemática na pergunta 1 (48%). Comparando as informações dos Quadros 3 e 4 pode-se perceber que mesmo achando difícil, alguns/mas estudantes (alunos e alunas) afirmam gosta de Matemática. Esses números nos induzem a pensar que o fato de não considerarem fácil aprender Matemática não é impeditivo para que eles/elas desenvolvam o gosto pela disciplina. Convém salientar que a porcentagem de alunas que consideram Matemática fácil é igual a porcentagem de alunos com a mesma resposta, entretanto a porcentagem de alunas que não acham Matemática fácil supera em 3% a de alunos com a mesma opinião.

Série	Sim						Não						Um pouco					
	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
5 <sup>a</sup>	3	23	4	25	7	24	3	23	5	31	8	28	7	54	7	44	14	48
6 <sup>a</sup>	1	5	1	7	2	6	8	42	4	29	12	36	10	53	9	64	19	58
7 <sup>a</sup>	5	24	1	7	6	17	5	24	4	29	9	26	11	52	9	64	20	57
8 <sup>a</sup>	1	6	2	17	3	10	5	29	2	17	7	24	11	65	8	66	19	66
total	10	14	8	14	18	14	21	30	15	27	36	29	39	56	33	59	72	57

Quadro 4 – Discentes que acham Matemática fácil por série e gênero

Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

Legenda: n° – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

A terceira pergunta do questionário era: Você entende as explicações do professor? Os estudantes tinham três opções de respostas: sim, não e às vezes. O Quadro 5 apresenta os números relativos a resposta a essa pergunta. Comparando as respostas afirmativas e negativas pode-se perceber que o número de estudantes que entendem a explicação do professor (42%) é expressivamente superior ao dos/as estudantes que não entendem (3%), porém a maioria (55%) afirma que às vezes entendem e outras vezes não. Percebe-se ainda que mais alunos (53%) do que alunas (33%) afirmam entender a explicação. Em nenhuma série as alunas superam os alunos em respostas afirmativas. O número de respostas negativas foi baixo. Num universo de 126 respostas apenas 4 estudantes afirmaram não entender as explicações dos/as professores.

Série	Sim						Não						Às vezes					
	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
5 <sup>a</sup>	4	30	6	38	10	35	0	0	1	6	1	3	9	70	9	56	18	62
6 <sup>a</sup>	5	26	7	50	12	36	1	5	1	7	2	6	13	68	6	43	19	58
7 <sup>a</sup>	8	38	8	57	16	46	0	0	0	0	0	0	13	62	6	43	19	54
8 <sup>a</sup>	6	35	9	75	15	52	1	6	0	0	1	3	10	59	3	25	13	45



total	23	33	30	53	53	42	2	3	2	4	4	3	45	64	24	43	69	55
-------	----	----	----	----	----	----	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----

Quadro 5 – Discentes que entendem a explicação do professor por série e gênero

Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

Legenda: n° – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

A próxima pergunta foi se os/as estudantes pediam ao/à professor/a que explicasse novamente quando não entendiam a explicação. As opções de respostas eram as mesmas da pergunta anterior. No Quadro 6 encontram-se os números relativos às respostas a essa pergunta. O número de respostas para cada alternativa foi mais equilibrado. O número de estudantes que afirmam pedir explicação quando não entendem (23%) é superior ao número correspondente aos que não pedem explicação (22%). Porém a porcentagem de alunas que pedem explicação (26%) é inferior a porcentagem das que não pedem explicação (41%). Para os alunos, estes números se invertem. 45% deles pedem para os/as professores/as explicarem novamente e 10% não tiram suas dúvidas. Isso pode ser motivado por inúmeros fatores dentre eles pode-se colocar a timidez, o desinteresse ou o fato de elas terem entendido a explicação. A terceira opção parece não se aplicar, pois, na pergunta anterior (Quadro 5), somente 33% delas afirmam entender quando o/a professor/a explica. Os/as estudantes (alunas e alunos) que não entendem e não pedem esclarecimentos aos professores dificilmente terão condições de obterem bons resultados nas avaliações.

Série	Sim						Não						Às vezes					
	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
5ª	5	38	8	50	13	45	4	31	1	6	5	17	4	31	7	44	11	38
6ª	4	21	4	29	8	24	9	47	2	14	11	33	6	32	8	57	14	43
7ª	6	29	8	57	14	40	8	38	0	0	8	23	7	33	6	43	13	37
8ª	3	18	5	42	8	28	8	47	3	25	11	38	6	35	4	33	10	34
total	18	26	25	45	43	34	29	41	6	10	35	28	23	33	25	45	48	38

Quadro 6 – Discentes que pedem para o professor explicar por série e gênero

Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

Legenda: n° – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

Para a pergunta sobre o rendimento nas provas de Matemática eles tinham as mesmas opções de resposta das perguntas anteriores. Os dados foram sintetizadas no Quadro 7. Menos de 1/3 dos/as estudantes dizem se sair bem nas provas de Matemática. Mais da metade dos/as respondentes afirmou que às vezes tiram boas notas nas provas. Analisando somente as respostas a essa pergunta não se pode fazer nenhuma afirmação definitiva, pois o que é uma boa nota para um/a não o é para outro/a, porém pode-se ter uma ideia mais clara quando se compara os dados fornecidos pelo questionário com o rendimento dos/as estudantes encontradas nos diários de classe (Quadro 8).

Série	Sim	Não	Às vezes
-------	-----	-----	----------



	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
5ª	3	23	9	56	12	41	2	15	1	6	3	10	8	62	6	38	14	48
6ª	2	11	3	21	5	15	7	37	5	36	12	36	10	53	6	43	16	48
7ª	3	14	3	21	6	17	6	29	2	14	8	23	12	57	9	64	21	60
8ª	3	18	3	25	6	21	4	24	1	8	5	17	9	53	7	58	16	55
total	11	16	18	32	29	23	19	27	9	16	28	22	38	54	28	50	66	52

Quadro 7 – Rendimento dos discentes por série e gênero

Fonte: Questionário aplicado pela pesquisadora

Legenda: nº – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

A quinta série foi a turma na qual mais estudantes responderem se sair bem nas provas. 41% dos/as estudantes desta turma afirmaram obter bons resultados nas avaliações. A maioria dessas respostas foi dada pelos alunos (56%). Esta porcentagem corresponde a mais do que o dobro das respostas das alunas. 23% delas afirmaram obter bons resultados nas avaliações.

Pode-se observar que a porcentagem de estudantes que assumem que tiram notas baixas nas provas (22%) é praticamente igual ao número dos/as que afirmam tirar notas altas (23%). Porém quando se olha para o desempenho feminino a diferença aumenta. 16 % delas afirmam se sair bem nas avaliações e 27% das alunas respondeu não obter bons resultados nas avaliações. Para os alunos estes números se invertem. 32% deles afirmaram tirar boas notas e 16% admitiram não ter bom rendimento nas avaliações.

Comparando o Quadro 7 com o Quadro 3 pode-se inferir que o baixo rendimento não é impeditivo para que os/as estudantes gostem de Matemática pois a quantidade de respondentes que afirmam gostar de Matemática (48%) é bastante superior ao dos/as que afirmam ter bom desempenho nas avaliações (23%).

Comparando as respostas do questionário (Quadro 6) com a análise do rendimento encontrado nos diários de classe (Quadro 7) pode-se perceber que a porcentagem de estudantes que obtém bom desempenho nas avaliações<sup>5</sup> (19%) não difere muito da porcentagem dos estudantes que, ao responderem o questionário, afirmaram tirar boas notas em Matemática (23%).

Série	Notas superiores a 70						Notas entre 70 e 60						Notas inferiores a 60					
	Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total		Alunas		Alunos		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
5ª	5	38	1	6	6	21	4	31	9	56	13	45	4	31	6	38	10	34
6ª	0	0	3	20	3	10	6	43	5	33	11	38	8	57	7	47	15	52
7ª	4	22	2	14	6	19	6	33	5	36	11	34	8	44	7	50	15	47
8ª	4	24	4	25	8	24	6	35	6	38	12	36	7	41	6	37	13	39
total	13	21	10	16	23	19	22	35	25	41	47	38	27	44	26	43	53	43

<sup>5</sup> Para este artigo estabeleceu-se que seria considerado bom desempenho as médias maiores ou iguais a 70.

Desempenho regular as médias menores que 70 e maiores ou iguais a 60. Desempenho ruim as médias inferiores a 60 que representam a reprovação dos/as estudantes.



Quadro 8 – Rendimento dos discentes por série e gênero

Fonte: Diários de classe

Legenda: n° – número absoluto; % - porcentagem sobre o número de discentes daquela série e daquele gênero.

O Quadro 8 mostra ainda que pouco mais da metade (57%) dos estudantes obtiveram notas suficientes para serem aprovados. Comparando as três categorias (bom rendimento, rendimento regular e rendimento ruim), a maior porcentagem de estudantes obteve rendimento ruim (43%) e ficaram com as médias finais inferiores a 60, nota mínima para a aprovação<sup>6</sup>.

Quando se analisa o rendimento dos/as estudantes com o recorte de gênero, pode-se perceber que as meninas foram a maioria dos/as estudantes com bom rendimento. A porcentagem das alunas com média igual ou superior a 70 foi de 21% enquanto que a porcentagem de alunos na mesma condição foi de 16%. Isso se inverte entre os/as estudantes com rendimento regular. A porcentagem de alunas com notas entre 70 e 60 é de 35% e de alunos nesta mesma condição é de 41%. Quando se analisa as porcentagens de estudantes com rendimento ruim as alunas (44%) superam os alunos (43%) em 1%.

A série na qual o desempenho feminino é pior é a 6ª série na qual 57% das alunas obtiveram médias inferiores a 60. Esta foi também a série na qual mais alunas afirmaram não obter bons resultados nas avaliações (37% no Quadro 7). Percebe-se coerência entre as respostas dos/as estudantes ao questionário e o desempenho verificado nos diários de classe. Somente na 7ª série o desempenho dos alunos é inferior ao das alunas. Elas são a maioria dentre os/as estudantes com notas acima da média (55%) e eles a maioria dos/as estudantes com notas abaixo da média (50%). Estes números não coincidem com os números encontrados no Quadro 7. Naquele quadro a porcentagem de alunas que afirmavam se sair bem nas avaliações era inferior ao de alunos com a mesma afirmação em todas as séries. Isso pode indicar que as alunas da 7ª série tem uma visão distorcida de seu desempenho escolar ou ainda que elas sejam mais exigentes no que tange ao que consideram uma boa nota.

Séries	Médias anuais - 2009		
	Alunos	Alunas	Geral
5ª	59,4	61,5	60,3
6ª	54,1	51	52,6
7ª	5,83	60,9	59,8
8ª	60,7	57,4	59

Quadro 9 – Médias anuais por série e gênero

Fonte: Diários de classe

<sup>6</sup> Isso não significa que os alunos reprovaram. Existe a possibilidade de eles terem sido aprovados no conselho de classe. O conselho de classe é uma reunião que acontece ao final de cada bimestre para avaliar o desempenho dos estudantes. Na reunião do 4º bimestre este conselho tem a autonomia de aprovar estudantes que não obtiveram médias superiores a 60 em todas as disciplinas. Os critérios para aprovação são estabelecidos pelo próprio conselho.



Estes números mostram que mais da metade do/as estudantes costumam tirar notas de médias para baixas. O fato de mais alunas do que alunos afirmarem não se sair bem nas provas pode indicar menor desempenho delas como também significar que elas são mais exigentes e críticas sobre o seu desempenho. Os números dos Quadros 7 e 8 mostram que a segunda opção é mais adequada. No Quadro 8 percebe-se que 44% delas não obtiveram a média para a aprovação e 43% deles ficaram na mesma situação. Estes números relativos a análise das médias são muito próximos. Há apenas 1% de diferença entre as porcentagens dos alunos e das alunas. Entretanto os números referentes aos/as estudantes que afirmaram não obter bons resultados nas avaliações (Quadro 7) apresentou uma diferença de 11% entre esses números. Percebe-se que elas são mais exigentes do que eles no que se refere ao rendimento em Matemática.

No que se refere às médias anuais dos/as estudantes, os números são próximos. Em duas séries (5<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup>) o desempenho feminino é melhor e em outras duas séries (6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>) o desempenho masculino é superior. Por meio destes números não é possível definir qual dos gêneros apresenta melhor resultado nas avaliações de Matemática, ora a vantagem favorece os alunos e ora favorece as alunas. Convém salientar que mesmo nas turmas nas quais o rendimento das alunas foi superior (5<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries), a porcentagem de alunas que afirmaram se sair bem nas avaliações é significativamente inferior a porcentagem de alunos com a mesma resposta. Na 5<sup>a</sup> série, 23% das alunas e 56% dos alunos afirmaram obter boas notas nas avaliações. Na 7<sup>a</sup> série estas porcentagens ficaram em 14% das alunas e 21% dos alunos (Quadro 7). Estes números mostram que há incoerência entre o que os/as estudantes afirmam e o que os diários de classe mostram no que tange ao rendimento escolar de alunos e alunas.

### *Considerações finais*

A análise dos dados obtidos por meio dos dois instrumentos de coleta de dados utilizados para este artigo demonstrou coerência entre as respostas dos/as estudantes ao questionário e as notas por eles obtidas nas avaliações de Matemática. A minoria dos/as estudantes (23%) afirma obter bons resultados em Matemática e isso se confirma na avaliação das médias por eles obtidas. Na análise dos diários de classe de Matemática do ano de 2009, 19% dos/as estudantes obtiveram médias iguais ou superiores a 70. Porém esta coerência diminuiu quando se analisa os números sob a perspectiva de gênero. 16% das alunas afirmam obter bons resultados nas avaliações e 21% delas obtêm médias iguais ou superiores a 70. Lembra-se que notas iguais ou superiores a 70 foram



consideradas, neste estudo, como bom rendimento. Por outro lado, 32 % dos alunos afirmam obter bom desempenho nas avaliações e 16% deles finalizaram o ano com médias iguais ou superiores a 70. Esta diferença pode significar que as alunas são mais exigentes ao considerar o seu desempenho em Matemática, que tem mais dificuldade de reconhecer o rendimento como satisfatório do que os meninos.

Por meio deste questionário foi possível obter um panorama da relação dos/as estudantes com a disciplina de Matemática. Pode-se perceber que o número de discentes que afirmam gostar de Matemática supera o número dos/as que afirmam não gostar. Porém o rendimento dos/as estudantes pode ser considerado de médio para baixo pois a média anual dos/as mesmos/as, na maioria das séries analisadas, ficou abaixo da nota mínima para a aprovação. A quantidade de estudantes que não obtiveram nota suficiente para a aprovação ficou em 43%, ou seja, quase a metade dos/as estudantes analisados/as nesta pesquisa não foram aprovados/as por média em Matemática.

Os números desta pesquisa mostram que a 5ª e a 7ª série são as turmas que apresentam a maior porcentagem de alunas que gostam de Matemática, que têm facilidade em aprender o conteúdo desta disciplina, entendem e pedem explicações quando não compreendem o conteúdo. Este resultado contraria o argumento de Velho e Leon (1998) de que é por volta da 7ª série que as meninas perdem o interesse pela Matemática. Os dados desta pesquisa mostram que a turma que oferece algum indício neste sentido é a 6ª série na qual somente 15% das alunas declararam gostar de Matemática.

Esta foi uma pesquisa quantitativa e por esta razão mostra um panorama de como os discentes se posicionam com relação à Matemática, porém não permite identificar as causas e a forma como estes números foram construídos. Esta percepção só será possível quando a análise for realizada com base em pesquisa qualitativa.

### *Referências*

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, a. 9, p. 554-574, 2º semestre, 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de. A relação de meninas e meninos com a Matemática: o que elas e eles nos dizem? In: Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, 3. 2009, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, Editora da UTFPR, 2009. Disponível em: [http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/acervo\\_digital.htm](http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/acervo_digital.htm). Acesso em: 18 de janeiro de 2010.



CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de. Quem tem melhor rendimento escolar, meninas ou meninos? In: Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero, 8. 2010, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, Editora da UTFPR, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da educação superior:** sinopse estatística 2005. Disponível em < <http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=4281>.> Acesso em 23 de junho de 2010.

VELHO, Lea; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, 10, p. 309-344, 1998.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez, 1995.